



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM
Nº 01 – Ano I – 05/2012
www.ufvjm.edu.br/vozes

Entre o Pão e a Voz: memórias de uma cidade chamada Diamantina

Prof. Mário Fernandes Rodrigues
Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina
E-mails: fmario1@hotmail.com / oriletroneira@fevale.edu.br
(UFSJ / FAFIDIA - MG)

Resumo: Reflexão acerca da literatura produzida na cidade de Diamantina no Alto Vale do Jequitinhonha. De cunho memorialista e autobiográfico as composições marcam a voz de sujeitos inadaptados com as mudanças trazidas pela modernização tardia da região, revelando, desta maneira, as transformações econômicas e sociais advindas do processo de descolonização do espaço cultural desta singular e secular cidade. Os textos vêm sendo publicados em um semanário local *A Voz de Diamantina*, marcando a entrada dos sujeitos que os produzem no debate contemporâneo entre a tradição e a modernidade, sobretudo quando esta transfigura a cultura em mercadoria.

Palavras-chave: Literatura diamantinense. Memória cultural. Modernidade tardia. Vale do Jequitinhonha.

Introdução

A imprensa mundial dá sinais de que se prepara para viver em um mundo com cada vez menos jornais impressos. Refiro-me, naturalmente, aos campeões de circulação, responsáveis em grande parte pela difusão das notícias que chegam até

nós. Mudam-se os tempos, mudam-se os suportes que dão sustentação à informação, regida cada vez mais por duras imposições mercadológicas.

Benedict Anderson (2005, p. 46) considera que o surgimento dos jornais e dos romances proporcionou “os meios técnicos para “re(a)presentar” o tipo de comunidade imaginada que é a nação.” Os jornais de curto alcance, como aqueles tradicionalmente editados nas cidades históricas mineiras - *Jornal do Poste*, na cidade de São João del Rey e *A Voz de Diamantina*, na cidade de Diamantina, por exemplo -, suportes em que predominam narrativas de caráter local, são meios privilegiados ao registro do cotidiano, persistindo como expressão limitada de determinadas regiões cujo tempo e espaço são diferentes dos grandes centros urbanos da nossa nação. Estas narrativas se alimentam dos pequenos relatos que compõem o dia-a-dia destes lugares, exprimindo a identidade coletiva de seus habitantes.

Contudo, Eneida Maria de Souza (2004, p. 57) alerta-nos para o fato de que “o saber narrativo dos pequenos relatos não irá atuar como força legitimadora” da história, insistindo no “caráter local dos discursos e na precariedade das legitimações”. Segundo ela, “cenas domésticas e aparentemente inexpressivas para a elucidação dos fatos históricos passam a compor o quadro das pequenas narrativas, igualmente responsáveis pela construção do sentido subliminar da história”.

Neste sentido, proponho comentar as crônicas produzidas por dois escritores diamantinenses; de fio temático próximo, ambos desenvolvem narrativas pautadas na memória da centenária cidade de Diamantina, no Alto Vale do Jequitinhonha. Os textos vêm sendo publicados regularmente no semanário local – *A Voz de Diamantina*.

De cunho memorialista, as composições marcam a voz de sujeitos preocupados em registrar o cotidiano de um lugar histórico cuja origem remonta ao período colonizador; momento em que o nosso país emergia de sob a tutela de uma cultura eurocêntrica e imperialista.

Dos autóctones que habitavam as terras diamantinas – índios Puris –, exterminados tão logo os bandeirantes adentraram na região diamantina, muito pouco resta, só permanecendo as lendas perpetuadas pela oralidade que, volta e

meia, são lembradas pelos dois cronistas que compõem o corpus deste trabalho: Ademir Pão e William Spangler.

O mesmo não se deu com a cultura negra, que persiste nas “representações populares”, como é o caso, por exemplo, da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Esta permanece como um dos símbolos maiores do hibridismo religioso desenvolvido nas terras brasileiras, com a fusão do cristianismo e das crenças trazidas da África. De outro lado, muito pouco se sabe dos cultos africanos de origem *banto* ligados ao sobrenatural e que são uma das marcas de pertencimento da cultura negra do Alto Vale do Jequitinhonha, em especial dos negros do entorno da cidade de Diamantina.

Nesta cidade, os vestígios do passado estão presentes nas “representações populares”, sobretudo na religiosidade e na musicalidade, aspectos muito apreciados pelos milhares de turistas que visitam anualmente a cidade que, além de ser conhecida como a terra natal do ex-presidente Juscelino Kubitschek, é também berço de personalidades que ora ajudaram a alimentar o imaginário da nossa nação, ora participaram ativamente dos momentos políticos de nosso país. Como é o caso, respectivamente, da escrava Chica da Silva, amante do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira e do político Olímpio Mourão Filho, figura importante do Estado Novo de Vargas, ou mesmo o revolucionário Domingos José de Almeida, personagem da Revolução Farroupilha, ocorrida no sul do país. Consta que este fundou duas importantes cidades daquela região: Uruguaiana e Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Pessoas simples da cidade, juntamente com os filhos ilustres que a terra produziu, compõem o universo temático dos textos que proponho comentar. Do pedreiro que ajudou a manter as velhas estruturas dos imponentes casarões do centro histórico, ao vendedor de algodão doce, todos se tornam personagens, numa tentativa de se construir uma memória coletiva que dê voz aos que a história oficial não inclui.

A modernização tardia da cidade, impulsionada por uma profunda mudança na matriz econômica da região, ligada desde o período colonizador ao garimpo de diamantes, vem obrigando os diamantinenses a se adaptarem aos novos rumos trazidos pelo turismo e pelo setor educacional.

A instalação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, juntamente com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, estatuto conferido pelas Nações Unidas às cidades que mantêm vivas suas culturas e tradições são os responsáveis diretos por esta nova Diamantina que se apresenta neste início de século XXI.

1. Entre o Pão e A Voz: memórias de uma cidade chamada Diamantina

Suporte da memória diamantinense do início do século passado aos dias atuais, o centenário jornal *A Voz de Diamantina* possui em seu arquivo significativa parte da literatura produzida no Alto Vale do Jequitinhonha. Entre os escritores diamantinenses há grandes cronistas da história local, dos fatos que vão sendo esquecidos com o passar dos tempos.

De caráter filantrópico, o jornal, fundado em 1906, nasceu com o nome de *Pão de Santo Antônio*, homônimo ao asilo de idosos que ajuda a manter com suas tiragens.

Depois de quase um século de atividades prestadas ininterruptamente, passou por um breve hiato, permanecendo em inatividade por cerca de uma década, sendo reativado e rebatizado com o sugestivo nome de “*A Voz de Diamantina*” no início dos anos 2000. Hoje, suas páginas são um importante elo entre o passado e o presente de uma região que assiste a uma profunda transformação econômica, social e cultural.

Além de servir como fonte de informação à sociedade diamantinense, a publicação chega aos conterrâneos de Chica da Silva residentes Brasil afora. Cerca de mil assinantes recebem em suas casas, toda semana, um exemplar do centenário jornal. O sucesso de suas “quase artesanais” edições pode ser medido pela enxurrada de cartas recebidas diariamente na redação do semanário. São pessoas que se identificam em grande parte com o universo temático dos escritores, revelando, deste modo, um sentimento de pertencimento coletivo no que tange a identidade cultural diamantinense.

Bem sabemos que a memória é um elemento fundamental na constituição do sentimento de identidade, seja individual ou coletiva, na medida em que ela é

também um importante fator do sentimento de continuidade em relação às gerações anteriores e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na construção de si. Os acontecimentos vividos pessoalmente e com a coletividade à qual a pessoa se sente pertencer são os fatores que constituem a memória coletiva.

Neste sentido, percebem-se, nas páginas do semanário, vozes de sujeitos inadaptados com as mudanças trazidas pela modernização tardia do Alto Vale do Jequitinhonha.

Acerca destas transformações na estrutura das sociedades, assim discorre Stuart Hall (2001, p. 09):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (Hall, Stuart. 2001, p. 09)

Essas mudanças fazem com que o indivíduo perca a ideia de sujeito integrado, isto é, pertencente a um grupo social em que os mesmos valores são partilhados de modo unificado.

No Alto Vale do Jequitinhonha, estas alterações se iniciaram no ano de 1989, momento em que a mineração de diamantes, de sustentáculo da economia, passou a ser considerada atividade ilegal por força de legislação ainda vigente, transformando o cotidiano de toda a região.

2. Ademir Pão: o homem e seu duplo

Filho e neto de imigrantes italianos que se instalaram na cidade de Diamantina no final do século XIX, o escritor Ademir Pão vem publicando seus textos nos jornais locais. De seu avô – um dos primeiros ferreiros da cidade – herdou o trabalho árduo com o ferro, o que lhe permitiu o contato diário com o povo simples da cidade que frequenta a centenária Ferraria de sua família.

O escritor mostra-se, na grande maioria de seus artigos, preocupado com o apagamento dos fatos que povoaram o imaginário de gerações de diamantinenses. De forte posicionamento político, seus textos abordam, desde a negligência do

poder público na conservação do patrimônio local, à presença dos negros africanos na formação cultural da cidade.

Em artigo intitulado “*Os dialetos africanos em Diamantina*”¹, o escritor discorre acerca de uma língua híbrida, formada pelo português e por palavras de origem *banto* falada em uma comunidade quilombola do entorno da cidade. Sua memória recorda a presença de um dialeto que os negros “usavam em tempos de festa”, porém a maioria dos falantes já desconhecia o conteúdo semântico do que enunciavam, pois o uso dos termos africanos só se fazia em ocasiões ritualísticas.

O dialeto a que se refere o escritor serviu de base a todo um sistema de valores ligados à ancestralidade africana da região. Uma vez inseridos no Distrito Diamantino², os negros trazidos da África, de sua maioria pertencentes ao tronco linguístico banto, se viram obrigados a se adaptar ao trabalho nos garimpos, formando uma cultura híbrida e singular.

Por muito tempo essas comunidades mantiveram laços culturais ligados ao continente africano. Os ensinamentos herdados dos seus antepassados foram se misturando à cultura colonizadora, resultando em marcas de pertencimento próprias e alimentando a resistência cultural que por muito tempo permeou a vida desses grupos. Mostrando-se preocupado com a preservação desta face do patrimônio local, assim ele discorre: “Está na hora de a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri fazer um estudo profundo dos dialetos africanos aqui falados nos séculos XVIII e XIX, contribuindo assim com a nossa cultura e memória”.

Nota-se que o escritor considera a função da instituição educacional de extrema importância para a preservação da memória da cultura negra na região, uma vez que, teórica e metodologicamente, ela possui meios de conservar o que ainda resta da cultura negra no cotidiano diamantinense. Já em outros pontos, a universidade seria a responsável por “atentados” às tradições da cidade, com a “invasão” de estudantes para os seus recém-criados cursos. No artigo “*O Trotão*”³, o

¹ A Voz de Diamantina, 11 de Dezembro de 2010, edição 487, pág. 03.

² O Distrito Diamantino foi uma região geograficamente demarcada para servir aos interesses exploradores da colônia portuguesa, compreendendo o Arraial do Tejuco (antigo nome de Diamantina) e arredores. A entrada neste território era controlada por diversos quartéis militares ao longo de suas fronteiras.

³ A Voz de Diamantina, 22 de Maio de 2010, edição 458, pág. 03.

cronista fala sobre a festa organizada pelo Diretório Acadêmico da Universidade no início de cada período letivo para a recepção dos alunos veteranos e dos calouros.

Mostrando-se um sujeito “tipicamente diamantinense”, com valores culturais ligados à religião católica, assim ele nos narra a festa:

No sábado, dia 08/05/2010, Diamantina presenciou mais um Trotão, festa ridícula dos universitários que já não se usa mais. A concentração dos estudantes se deu no Largo Dom João, seguida de caminhada pelas ruas das Monteiras, do Fogo, da Glória até o Ponto Chique. (...) Também foram notadas cenas pecaminosas entre esses jovens, na via pública, numa autêntica Sodoma e Gomorra, a exemplo do carnaval. Esse espetáculo foi comemorado em pleno mês de maio, quando o diamantinense reverencia a Virgem Maria como patrona dessa grande família.

Neste ponto, o autor nos permite refletir sobre a presença católica na formação cultural da cidade. Os que chegam a Diamantina logo se deparam com um cruzeiro luminoso no alto da Serra dos Cristais⁴, o que se soma às inúmeras igrejas, materializando, assim, a herança cristã no Distrito Diamantino. Os estudantes, ao protagonizarem “cenas pecaminosas”, estariam atacando os princípios religiosos que nortearam a grande família que, na visão do escritor, a cidade de Diamantina representa.

Muitas são as irmandades religiosas existentes na cidade desde o período colonial; lugares fechados cuja identificação com um santo de devoção não se configuraria garantia para o ingresso de um fiel, permanecendo como forma de manter a polarização entre senhores e escravos. Aos negros, à época da colônia, só poderia ser frequentada a Capela de Nossa Senhora dos Rosários. Se muitos dos símbolos religiosos são emanações de rostos de reis, rainhas e prósperos comerciantes⁵, a Virgem Maria transvestiu-se no manto negro como forma de confortar e representar os negros subtraídos do continente africano.

Muito desta ancoragem religiosa que notamos nos textos do escritor Ademir Pão deve-se à herança cristã da época em que a cidade de Diamantina ainda era apenas o Arraial do Tejuco e que se manteve até o final da década de oitenta do

⁴ A cidade de Diamantina é toda rodeada por cadeias de montanhas, tendo a Serra dos Cristais como o ápice destas formações rochosas. Tombada pelo IPHAN, a Serra dos Cristais é um dos patrimônios naturais da região.

⁵ Cf. Anderson, 2005, pág. 44

século passado, momento em que o Alto Vale do Jequitinhonha passou a ser tardiamente modernizado após a proibição da atividade mineradora.

No artigo “*A influência da Universidade em Diamantina*”⁶, o escritor lembra-nos de que o fechamento do garimpo na terra de JK no ano de 1989 trouxe “tempos de incertezas, angústias e sofrimentos, principalmente para o meia-praça que de uma hora para outra ficou sem trabalho”. O meia-praça no cotidiano do garimpo é o trabalhador que extrai as pedras preciosas do leito dos rios a serviço de um patrão. Em grande maioria de descendência africana, estes homens deram seguimento às atividades que os cativos desempenhavam na sociedade escravocrata que imperou até fins do século XIX.

Com a proibição de toda e qualquer atividade mineradora, a sociedade diamantinense, a partir deste momento, viu sua matriz econômica e cultural mudar, uma vez que todo o seu cotidiano fora imaginado com base em valores ligados ao contexto minerador.

Obrigados a se adaptar aos novos tempos, os meias-praça foram incorporados pelos mais diversos setores de serviços. Recentemente, com a instalação da Universidade em Diamantina, muitos foram admitidos pelas empreiteiras que realizam as obras. O escritor nos lembra de que “grande parte dos operários do canteiro de obras que se transformou o Campus II da UFVJM, no alto da Jacuba, é formada por ex-garimpeiros”.

De acordo com ele “nossa atual conjuntura econômica já superou a da época do garimpo, inclusive na distribuição de renda. O duro mesmo é aguentar as festas nas repúblicas e as barulhentas cervejadas que cortam a noite diamantinense.”.

Mais uma vez seus costumes entram em conflito com o dos jovens que aqui buscam o saber através da universidade. Festas comuns ao cotidiano universitário vão de encontro aos valores do pacato cidadão diamantinense, que durante tempos, permaneceu isolado dos grandes centros. “Imaginem quando todos os cursos da UFVJM estiverem funcionando, o que será do velho Tijuco, de suas tradições e dos costumes de seus moradores. Tudo isso é a influência da universidade e do progresso que está chegando até nós”⁷.

⁶ A Voz de Diamantina, A influência da Universidade em Diamantina, 23 de julho de 2011, edição 519, pág.03.

⁷ A Voz de Diamantina. A influência da UFVJM sobre Diamantina, edição 540, pág.03.

Todas estas transformações operam como metáfora para as mudanças sociais trazidas pela proibição do garimpo na região diamantina, causando uma reforma nas bases de sustentação da cultura local que caminha, inevitavelmente, rumo à modernização.

Outro atentado ao cotidiano diamantinense estaria ligado a um tipo de “tradição inventada” de que os políticos vêm lançando mão anualmente na terra de JK. Na data em que se comemora o aniversário do ex-presidente, foi instituída uma comenda para homenagear diversas personalidades. Toda a cerimônia acontece em frente à estátua que foi erigida em homenagem à memória do político.

Visando Legitimar instituições, status ou relações de autoridade⁸, a Medalha JK é conferida a pessoas de destaque no meio político e social. Acerca da figura do conterrâneo e da comenda à memória dele atribuída, assim se posiciona o escritor:

Em suas vindas a Diamantina, parecia nem haver preocupação com a segurança, as pessoas o cumprimentavam nas ruas e entabulavam com ele bons papos. Com o fim da ditadura e a conseqüente chegada da democracia, instituiu-se a Medalha JK entregue todos os anos a personalidades no dia 12 de setembro, data de nascimento do ex-presidente. Mas o que chama a atenção é a presença do forte aparato de segurança que tolhe o ir e vir do pacato diamantinense, dando a impressão de que voltamos ao tempo do Livro da Capa Verde⁹, que tudo proibia ao tijucanos. Onde estiver a observar as festividades em honra de sua memória, Juscelino estará satisfeito com os rumos que as solenidades tomaram, ele que era um homem do povo, um democrata?¹⁰

É a imagem do homem público sendo transformada em instituição e servindo de pano de fundo ao palco armado pelos políticos na data da entrega da medalha. Wander Melo Miranda (1998, pág. 125) lembra-nos que “uma nação não existe sem passado: é preciso lembrar a herança deixada por seus fundadores”.

⁸ O historiador Eric Hobsbawm lembra-nos de que existem três tipos de tradições inventadas: **a)** aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou comunidades reais ou artificiais; **b)** aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade (grifo meu), e **c)** aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de pensamento e padrões de comportamento. (1989, p. 17)

⁹ O Livro da Capa Verde é a designação popular do Regimento Diamantino, legislação específica datada de 02 de agosto de 1771, isolando administrativamente o Distrito Diamantino das demais regiões da colônia. Nele ficou estabelecido como os tijuquenses deveriam proceder com relação à vida cotidiana, sobretudo no ambiente minerador. Seu nome está associado ao exemplar remetido pela cora portuguesa ao intendente, confeccionado “com capa de marroquim verde”. Vigente até a promulgação da constituição das cortes em 1821, ainda hoje sua presença se faz notar no imaginário diamantinense.

¹⁰ A Voz de Diamantina, Nos tempos de JK, edição 528, pág.03

Segundo ele, a memória nacional mantém “a coesão social e a instabilidade das instituições que delimitam as fronteiras nacionais – é a memória do monumento público, oficial, que se organiza em torno dos grandes acontecimentos e personagens históricos”.

A imagem boêmia e os gestos populistas do ex-presidente vão de encontro ao “forte aparato policial” que as autoridades utilizam nas solenidades de entrega da medalha. Gesto difícil de quem, volta e meia, “cumprimentava e entabulava bons papos” com o político.

Nestes textos, o escritor – narrador e personagem de seus escritos – à medida que neles se insere, demonstra com grande saudosismo o declínio cultural e político da cidade, na crença de que se possa existir um tempo contínuo, cujos costumes e tradições se esvaem com o desenrolar do tempo homogêneo e vazio. Presos ao passado, os textos do autor demonstram a decadência da vida cotidiana, que aos poucos vai sendo substituída pelo inevitável “progresso” trazido pela modernização tardia do Alto Vale do Jequitinhonha.

3. William Spangler: o lugar da consciência biográfica

Um jornal local também serve de suporte às mais íntimas lembranças que guardamos em nossa memória: as dos anos da nossa infância. Os textos do escritor William Spangler publicados no semanário *A Voz de Diamantina* apresentam um caráter autobiográfico, com o olhar de um homem, transvestido no de um menino, em direção ao passado.

Valendo-se do deslocamento temporal e da auto representação subjetiva de sua vida, as reminiscências do escritor são narradas na coluna *Memórias do Burgalhau*, em uma clara alusão à rua de sua infância. Neste espaço biográfico o escritor rememora fatos que marcaram os anos de sua meninice; das brincadeiras aos costumes e às tradições de uma Diamantina “envelhecida”.

Émile Benveniste (1989, p. 71) nos recorda que “não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de passar.” De acordo com ele, nos ancoramos em “pontos de referência” para que possamos nos situar “numa

escala reconhecida por todos, e aos quais ligamos nosso passado imediato ou longínquo”.

Consta que quando os bandeirantes, guiados pelo Pico do Itambé¹¹ e pela sanha mineradora chegaram às terras diamantinas, logo erigiram uma pequena povoação às margens do córrego Rio Grande. Três pequenas ruas foram se formando à medida que mais e mais homens chegavam à região em busca dos diamantes. As três primeiras ruas – Burgalhau, Espírito Santo e Beco das Beatas – ainda conservam os nomes dados pelos fundadores.

No espaço biográfico representado pela coluna *Memórias do Burgalhau* observamos uma ligação entre o “passado imediato e o passado longínquo” que, unindo as experiências subjetivas do escritor à história da formação da cidade, revelam as transformações ocorridas no desenrolar do tempo.

Assim ele nos narra uma de suas muitas aventuras na Diamantina de seus primeiros anos:

Depois de ter conhecido o Pão de Santo Antônio e visto o serpentear do Rio Grande, resolvi descer a Rua do Burgalhau até a ponte da fábrica e entrei nas águas frias e limpas do rio. As lavadeiras cantavam baixinho no sábado de manhã enquanto lavavam roupas e areavam panelas na pequena fonte e eu logo aprendi a pescar lambaris com peneiras e fiz algumas amizades com os garotos do lugar¹².

Leonor Arfuch (2010, p.113) considera que Benveniste resumiu quase “em aforismo” a razão de ser do espaço biográfico, ao dividir as “noções comuns do tempo físico do mundo, como uniforme contínuo, e o tempo psíquico dos indivíduos, variável segundo suas emoções e seu mundo interior”. Para ele haveria o tempo crônico, que engloba a vida humana enquanto “sucessão de acontecimentos”, tempo de nossa existência, da experiência comum, continuidade em que se dispõem como “blocos” os acontecimentos.

As *Memórias do Burgalhau* são redigidas em primeira pessoa (eu), sendo este recurso narrativo, o modo do sujeito se inserir no discurso proferido, o que confere aos escritos um caráter altamente autobiográfico; visto que a identidade ali

¹¹ O Pico do Itambé possui aproximadamente 2000 metros de altitude, em épocas “longínquas”, foi ponto de referência de grande importância para a orientação geográfica dos bandeirantes que povoaram a região do Distrito Diamantino.

¹² A Voz de Diamantina. Memórias do Burgalhau. O Rio Grande e a Praça de Esportes. Edição 472. pág. 10

presente é mediada pela estrutura autor-narrador-personagem, permitindo ao homem que se imagina como um menino o confronto entre o que ele foi e o que agora é, elevando sua “memória como lugar de consciência biográfica e histórica do presente, a partir de imagens geradas pelo que falta ou se perdeu¹³”. O uso do nome próprio na assinatura dos textos, aliado à presença no discurso da primeira pessoa (eu) remete a possível identidade narrativa do autor.

No espaço biográfico das *Memórias do Burgalhau*, o menino nos brinda com singelas descrições do cotidiano das crianças que, como ele, transformava aquela Diamantina em um grande parque de diversões:

No começo do ano de 1963, o pasto do Seu Amintas, durante as férias escolares, era como uma selva de aventuras para os garotos da Rua do Burgalhau. Além de jogar finca, bolinhas de gude, empinar papagaios colados com grude, vasculhar hortas alheias e jogar peladas com bolas de plástico no morro defronte a rua de poeira que cortava o vale, nós tínhamos que treinar pontaria de estilingue acertando de longe o poste de ferro no alto da Rua do Ouro. Havia até apostas para quem acertasse de mais longe. Ganhei muita figurinha de chicletes Adams e álbuns, boloscotes, gibis, Almanaque Capivarol e até um gato pela pontaria quase infalível que tinha. Estudando no terceiro ano escolar no Grupo Matta Machado, eu ia à escola com uma velha pasta de couro de meu avô e sandálias “precatas” duras de pneu e uma canequinha de ágata amarrada na calça do uniforme. Na hora do recreio fazíamos fila para a “casinha”, bebíamos água com a caneca e tínhamos o lanche de sopa, queijo e leite do projeto “Aliança para o Progresso” que eu gostava, mesmo quando levava alguma coisa na pasta. Em casa, apesar da penúria financeira, havia de tudo. Minha mãe não deixava faltar nada. Comprava tudo no SAPS, no Armazém Lages e no Armazém dos Lopes. Logo chegavam os “caixeiros” com as compras nas caixas de madeira para a entrega. Era uma festa. O pão era da Padaria Central ou do Zeca Andrade. Cuscuz, bolo de fubá, ensuado e mingau de fubá eram feitos em casa¹⁴.

A narrativa do menino assemelha-se a uma tela, em que a imagem de uma Diamantina perdida no passado alia-se à ausência dos amigos e à saudade de um tempo que não volta mais, pois “nenhum autorretrato poderá se desprender da moldura de uma época e, nesse sentido, falará também de uma comunidade” (Arfuch, 2010, p. 141).

Neste sentido, as memórias do menino, presas ao espaço-temporal de sua infância, inserem o sujeito que nelas se enuncia em um lugar no qual a existência ali

¹³ Cf. Miranda (1998). *Imagens de memória, imagens de nação*. pág. 129.

¹⁴ A Voz de Diamantina. *Memórias do Burgalhau*. O Pão de Santo Antônio. Edição 472. pág. 10

narrada se mistura a dos “garotos da Rua do Burgalhau”. Este gesto o permite reconhecer numa coletividade na qual, como bem observado por Leonor Arfuch, “os valores em jogo serão indissociáveis da peculiar inscrição do sujeito em seu contexto sócio-histórico-cultural, tanto o atual, do momento enunciativo, como o que é objeto de rememoração”. O adulto que hoje recorda é o menino que ontem viu e viveu, mesmo sujeito à seletividade e a traição, características inerentes à memória.

Considerações finais

A cidade de Diamantina, situada no Alto Vale do Jequitinhonha tem sua história ligada à atividade mineradora que ali se praticou ao longo de três séculos. À época colonial, devido à importância que representava aos interesses portugueses, obteve o *status* de Estado, possuindo legislação própria. Muitas são as “versões históricas” que tentam, sem grande sucesso, dar conta de uma totalidade cultural, econômica e social do lugar que, entre seus filhos ilustres, figuram o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e a escrava Chica da Silva, mulher que ignorou os preceitos da sociedade escravocrata da época, mantendo relação conjugal com o homem mais poderoso do Distrito Diamantino - o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira.

Decisões políticas tomadas no final do século passado mudaram a matriz econômica da região, ligada desde a época colonial ao garimpo de diamantes, interferindo decisivamente na cultura local. O estatuto de Patrimônio Cultural da Humanidade conferido à cidade pelas Nações Unidas, a criação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, juntamente com a proibição de toda e qualquer atividade mineradora impulsionaram a cidade rumo à tardia modernização: o cotidiano diamantinense vem sendo alterado com a presença sempre constante dos turistas e dos inúmeros estudantes que vêm buscar o saber através da UFVJM.

Se por um lado as decisões políticas permitiram que a cidade se reerguesse economicamente, por outro percebemos o quanto estão sendo determinantes para o esquecimento de parte de um patrimônio que não pode ser vendido como atrativo turístico.

Essa parece ser a principal preocupação dos textos comentados, uma vez que neles é comum a presença de um narrador saudosista, inadaptado com o presente e desconfiado com o futuro.

Abstract: Reflection on the literature produced in the city of Diamantina on the Upper Jequitinhonha Valley. With a memoiristic and autobiographical nature, the pieces mark the voice of subjects unadapted to the changes brought about by the late modernization of the region revealing in this way, the economic and social changes stemming from the decolonization process of the cultural space of this unique and secular city. The texts have been published in a local weekly, A Voz de Diamantina, marking the entry of the individuals who produce them into the contemporary debate between tradition and modernity, especially when the latter transforms culture into a commodity.

Key words: Diamantina literature. Cultural memory. Late modernity. Jequitinhonha Valley.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 2005. 283 p.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução: Paloma Vida. Rio de Janeiro. Eduerj. 2010. 370 p.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. 1. ed. Campinas: Pontes, 1989. 293 p. (Linguagem & Crítica).

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: D. P. & A., 2005. 102 p.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316 p.

MIRANDA, Wander Melo. Imagens de memória, imagens de nação. **Scripta**. Belo Horizonte, v.1, n. 2, p. 125-129, 1º sem. 1998.

PÃO, Ademir. **A Voz de Diamantina**, 11 de Dezembro de 2010, edição 487, pág. 03.

_____. **A Voz de Diamantina**, 22 de Maio de 2010, edição 458, pág. 03.

_____. **A Voz de Diamantina**, 23 de julho de 2011, edição 519, pág.03.

_____. **A Voz de Diamantina**. A influência da UFVJM sobre Diamantina, edição 540, pág.03.

_____. **A Voz de Diamantina**, Nos tempos de JK, edição 528, pág.03

SOUZA, Eneida Maria. Saberes Narrativos. **Scripta**. Belo Horizonte, v.7, n.14, p. 56-66, 1º sem. 2004.

SPANGLER, William. **A Voz de Diamantina**. Memórias do Burgalhau. O Pão de Santo Antônio. Edição [?]. pág. [?]

_____. **A Voz de Diamantina**. Memórias do Burgalhau. O Rio Grande e a Praça de Esportes. Edição 472. pág. 10

Texto acadêmico publicado em 10 de maio de 2012, na
Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG –
Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012
Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM –
www.ufvjm.edu.br/vozes